

BALDINGER, Kurt — **La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica**. Madrid, Editorial Gredos (Biblioteca Románica Hispánica), 1963, 398 pp.

Kurt Baldinger não pertence ao rol dos lingüistas que buscam entender o complexo fenômeno da linguagem através dos apertados limites de alguma teoria especial.

Percorrendo e ampliando os caminhos de Walther von Wartburg, o grande romanista que o precedeu em Heidelberg e na direção da *Zeitschrift für romanische Philologie*, tem KB retomado o problema das relações entre a cultura e a língua, afirmando que a história desta constitui precioso contributo para a história daquela e para o conhecimento do homem.

A eficácia da explicação culturalista para a compreensão de determinados fatos nos foi demonstrada pelo próprio Prof. Baldinger, por ocasião de sua breve estada em Marília, no final do ano passado; ao fazê-lo, serviu-se de traços fonéticos, morfológicos e sintáticos de línguas e dialetos românicos, evidenciando que a Filologia, se posta em tais termos, muito pode ganhar, quer em amplitude, quer em profundidade.

Estas considerações vêm a propósito do livro em epígrafe, pois que constituem, de certa forma, a chave para a compreensão do espírito que anima esta obra fundamental.

Situado na larga perspectiva culturalista, era forçoso que o A. valorizasse a Etnografia, de cujos dados lança mão a cada passo, e assumisse uma posição de equilíbrio relativamente às mais tendências da Lingüística contemporânea. Daqui a exigência continuada da base documental e a desconfiança das explicações ousadas, como a de F. Schürr (1), que justifica a diversidade da evolução dos grupos *cl-*, *fl-* e *pl-* no português e no espanhol por uma seleção fonológica diferente, repudiando a influência do substrato. A êsse respeito, disse o A.: “nos parece igualmente equivocado el rechazar de plano una tesis de substrato como el aceptarla totalmente. En cada caso es necesaria una comprobación de todos los factores lingüísticos e históricos. Bajo la tesis de Schürr late el convencimiento de que un idioma, por así decirlo, acepta libremente el influjo de un subs-

(1) — F. Schürr — “Efeito de substrato ou seleção fonológica?”, in *Actas do IX Congresso Internacional de Lingüística Românica*. Lisboa, vol. I (*Boletim de Filologia*, vol. XVIII), 1961, p. 57-66.

trato (“triomphe de la forme qui se recommande à la communauté par un avantage sur l’autre en vue d’une fonction ou répondant à un besoin” *ib.*), esto es: sólo en el caso en que el influjo de substrato ofrezca una ventaja al sistema que lo acoja o que llene un hueco en este sistema. En nuestra opinión significa esto una supervaloración de la libertad en la evolución lingüística, olvidándose el hecho de que el idioma también está unido a la *physis*” (p. 185, nota 230). Ou então, resenhando o trabalho de F. Jungemann (*La Teoría del Substrato y los Dialectos Hispano-Romances y Gascones*), declara: “la aplicación de los métodos fonológico-estruturalistas a los difíciles problemas que plantea la investigación de los substratos supone, sin duda alguna, un importante enriquecimiento complementario de los métodos empleados hasta ahora. El peligro radica, no obstante, en la posible absolutización y valoración exagerada del punto de vista fonológico. La fonología histórica necesita aún de una elaboración, y precisa unirse más estrechamente con la Historia” (pp. 290-291; v. también p. 175, nota 217; éste é igualmente o parecer de Wartburg: veja-se a nota 27a de nosso artigo “Estruturalismo, História e Aspecto Verbal”, publicado nesta mesma revista, n.º 4).

*

* *

La Formación não é própria a história completa dos domínios lingüísticos ibéricos, como à primeira vista o título poderia sugerir; não encontramos aqui uma exposição que englobe tôdas as línguas ibero-románicas no seu evoluir histórico. E’ o próprio A. que nos adverte disso: “el estudio aquí intentado no pretende [...] ser una exposición de conjunto en el sentido hasta hoy corriente” (p. 7), acrescentando que não foi sua intenção fazer “una verdadera historia de la lengua, sino una historia de los dominios lingüísticos en relación con los impulsos históricos y culturales recibidos” (*ibid.*) E efetivamente, a simples consideração das 208 pp. de texto (estando as demais ocupadas por uma copiosa bibliografía comentada), carregadas de 260 notas de rodapé nos dão uma idéia do valor altamente informativo e atualizador da obra, espécie de grandioso *compte-rendu* indispensável para os que tentam seguir a massa de estudos hispano-románicos publicados nos últimos tempos.

Por outro lado, este livro mostra a principal inclinação da iberoromanística dos últimos trinta anos, consistente em aprofundar nosso conhecimento da Hispânia pré-muçulmana (p. 205); a própria estrutura do livro atende a esse fato: dos oito capítulos que o compõem, quatro, e os mais extensos, analisam problemas de substrato.



Publicado duas vèzes na Alemanha, **La Formación** foi traduzida por Emilio Lledó e Montserrat Macau; tantas e tais foram as alterações feitas que “puede decirse que la traducción española constituye en realidad una nueva edición corregida y aumentada” (p. 9).

Assim são nomeados os capítulos desta obra: Planteamiento, La Reconquista, Los árabes, La época visigoda, La romanización y el problema osco-umbro, El catalán, lengua-puente, El gallego portugués y sus relaciones de substrato con Aquitania, Los problemas céltico y vasco-ibérico.

No primeiro cap., após analisar brevemente as semelhanças e os contrastes entre o português, espanhol e catalão, o A. põe os problemas seguintes:

1. Cómo puede explicarse la peculiar posición central del español?
2. Cómo pueden explicarse estas dos revolucionarias innovaciones: la pérdida de la N y la L intervocálicas en portugués y al mismo tiempo rasgos conservadores tan típicos del portugués como la conservación de **ei**, **ou** y otros tan discutidos como el infinitivo personal?
3. Cuál es la posición del catalán, cuyas innovaciones nos dirigen, en parte, hacia el sur de Francia? (p. 16).

Comentando as consequências lingüísticas da Reconquista, segue Menéndez Pidal, que estabeleceu quatro tipos fundamentais da expansão de fenômenos lingüísticos diversos: a) primitivo castelhano com seu centro em Burgos: evolução **f > h**, de origem pré-romana; **ct > ch**; **sci > ç**, etc.; b) formas primitivamente difundidas por uma área maior, aceitas ou não pelo castelhano antigo; c) pontos em que o espanhol coincide com o Oriente: **ai > ei > e**; **au > ou > o**; **mb > m**, **nd > n**, **ld > ll**, **nt > nd**; d) pontos em que o espanhol coincide com o Ocidente. Examina a seguir o problema da Reconquista que foi, na verdade, uma conquista lingüística em que o castelhano adquire horizontes novos; são levados para o Sul fundamentalmente cinco tipos lingüísticos: o galego-português, o leonês, o castelhano, o navarro-aragonês e o catalão (p. 47).

Em conclusão, pode-se dizer, ainda com Menéndez Pidal, que a atual fragmentação da Península Ibérica é essencialmente um resultado da Reconquista (p. 50). As implicações dêsse movimento para

o caso particular do galego-português são examinadas em outro capítulo.

KB pondera, no cap. seguinte, que o estudo do influxo árabe nos idiomas e dialetos ibero-românicos constitui tema essencial para a análise da fragmentação lingüística da Ibéria, e não apenas o estudo das conseqüências da Reconquista (2), pois que, como é óbvio, “sin árabes no hubiera tenido lugar la Reconquista” (p. 53). No tocante àquele influxo, o A. discorda dos que o subestimam, passando a resenhar amplamente os principais trabalhos sôbre a contribuição árabe ao desenvolvimento cultural e lingüístico da Ibéria. São relacionados também cruzamentos arábico-românicos como **hølgazán**, **beticambra** e outros, estudados por Arnald Steiger, Eva Salomonski e Antonio Tovar. Anota-se ainda uma das últimas tendências dos estudos arábicos: a influência sintática e estilística do árabe, em conseqüência dos quais “parece que tendrán que modificarse fundamentalmente opiniones anteriores, formuladas demasiado precipitadamente” (p. 71).

A época visigoda (cap. IV) é vista rapidamente na obra: citam-se as pesquisas de E. Alarcos Llorach, Reinhart, Manuel Gómez Moreno, além dos clássicos Piel e Gamillscheg, entre outros. Lemos aqui as tentativas de explicação da ditongação como algo de novo surgido e difundido durante a época visigoda, bem como os recentes esforços no sentido da aproximação da gênese dos cantares de gesta espanhóis à influência visigoda (p. 81).

No cap. V, dedicado à romanização e ao problema do osco-umbro, são referidas as teses de Griera e H. Meier (3) sôbre as duas direções da corrente romanizadora na península. De acôrdo com essa teoria, durante dois séculos a romanização partiu de dois centros: do Sul (Bética), caracterizada por forte conservadorismo (manutenção do **-u**, **au**, **mb**) e do Este (Tarraconense), inovador (**ai** > **e**; **au** > **o**; **mb** > **m**). Também algumas diferenças culturais extremam a Bética, onde a cultura era florescente, da Tarraconense, militarista e vulgar. Para justificar a tendência inovadora da Tarraconense, H. Meier relaciona pontos que aproximam o português dos dialetos sul-italianos, afirmando então que a colonização dessa área se fêz através dos oscos (cf. Huesca, cidade tarraconense). Outros estudiosos engrossaram as fileiras dos que aceitam uma influência osco-umbra na colonização da Ibéria: Bertoldi, Gamillscheg, Serafim da Silva Neto e Aebischer. Opuseram-se Sánchis Guarner (o cará-

(2) — Em que Menéndez Pidal (*Orígenes del Español*, 1a. edição: 1926) insiste particularmente.

(3) — “A Formação da Língua Portuguesa”, in *Ensaio de Filologia Românica*. Lisboa, Edição da Revista de Portugal, 1948, pp. 5-30.

ter progressista da Tarraconense se deve à sua posição geográfica de área bastante transitada) e Antonio Tovar, para quem Huesca está precisamente numa área em que **nd** não evolui para **n**, não acusando, portanto, influência osca. Outros explicam a evolução **mb** > **m**, **nd** > **n** por um impulso espontâneo encontrado também no português (pop. **tamém**; **prumo**, de **plombo**, por **promo**; pop. **comeno**, **fazeno**), dialetos bascos, gascão, borguinhês, sardo, zona alpina retoromana e até mesmo em alemão, que registra **Hëenne**, por **Hände**. A objeção mais importante parece-me que foi levantada por Galvés de Fuentes (p. 99), que coloca a assimilação **nd** > **n** e **mb** > **m** em época bem recente (sécs. IX a X), afirmando sua inexistência até mesmo ao tempo da conquista árabe.

O próprio Kurt Baldinger se mostra cauteloso a respeito da teoria ("la sugestiva tesis de Meier necesita, sin embargo, más bases en que apoyarse y, sobre todo, un cuidadoso estudio de los documentos del que Menéndez Pidal no se ha ocupado" — p. 90), ainda que predisposto a aceitá-la ("opinamos con Rohlf's que es posible suponer una fuerte participación de colonos procedentes de Italia del Sur, pero las consecuencias de este hecho no están aún probadas" — p. 100).

Não vejo citado na **Formación** o trabalho de Lúcia M. dos Santos Magno — **Áreas Lexicais em Portugal e na Itália** (4), que contribuirá, com certeza, para o reavivamento das discussões em torno do problema.

Comparando os mapas do AIS com elementos colhidos entre as respostas ao Inquérito Lingüístico Boléo relativas à ervilha, ao fabrico do pão e a outros assuntos (a galinha e o galinheiro, a manjedoura, o pus ou matéria), conclui que alguns mapas parecem demonstrar a influência do Sul da Itália na romanização da Ibéria, como os do **fermento** (usa-se **crecente** em ambas áreas), **galinheiro** (predominância de **gallinariu** / **galinheiro**), enquanto que outros invalidam a hipótese (**ervilha**: forma usada em Portugal e no Norte da Itália [**ervilia**]; o Sul prefere **pisellu**).

O que me parece importante no trabalho de Lúcia M. S. Magno é a insistência em que semelhanças notáveis podem ser encontradas também entre o português e o sardo, o piemontês, a Suíça Românica e outras zonas da Itália, setentrionais ou meridionais (5),

(4) — Sep. da Revista de Filologia Portuguesa, vol. XI, Coimbra, 1961; cf. a resenha de Enzo Del Carratore, nesta mesma revista, n.º 4, setembro de 1963.

(5) — Não omito que Kurt Baldinger relaciona os autores que demonstraram, por sua vez, as semelhanças notadas na evolução fonética de um mesmo dado em diferentes áreas românicas (cf. pp. 98-99); simplesmente me parece que a perspectiva assim aberta não foi explorada do modo bastante claro como o apresentou L. M. S. Magno.

fato que leva a autora a desconfiar da atual angulação do problema: “é que nos parece, realmente, que o problema das coincidências lexicais entre o português e algumas áreas do italiano não precisa de explicação especial: não é nada estranho que essas coincidências apareçam entre zonas cuja vida lingüística estêve tão unida que se falou nelas a mesma língua. O problema deverá pôr-se precisamente ao contrário: porque é que tais concordâncias nos não aparecem só entre o português e as outras regiões da Itália, ou nos aparecem só entre o português e certos dialetos italianos e não, ao mesmo tempo, no resto da România”. E acrescenta: “muito mais natural será considerarem-se estas diferenças lexicais como consequência das diferenças cronológicas da romanização.” (6). E parece-me importante, repito, ainda mesmo tendo-se em conta que tais conclusões invalidam em parte o método que Magno adotou no trabalho: afinal êle a levou a conclusões que são mais hipóteses que outra coisa (fato reconhecido pela autora: “talvez seja desnecessário acrescentar que também estas conclusões são apenas hipóteses” — p. 24).

A partir do cap. VI o A. inicia o estudo de duas problemáticas zonas marginais da Ibero-România: a catalã e a galego-portuguêsa.

Quanto ao catalão, resenha os trabalhos aparecidos depois de Meyer-Lübke (1890), os quais apreciam as ligações do catalão com o gaio-romance, considerando-o, por fim, uma língua-ponte entre o ibero e o galo-romance: “la cuestión de ordenación del catalán ha sido enturbiada por un planteamiento poco claro. Desde el punto de vista histórico, no puede haber duda alguna de que el catalán pertenece a las lenguas iberorrománicas ni de que, sólo secundariamente, a causa de sus estrechas relaciones con el Norte, y por el peculiar desarrollo del cast., llegó a adquirir el cat. su especial posición puente” — p. 115.

Quanto ao galego-português, nota-lhe o tom ao mesmo tempo inovador e conservador; é conservador quando mantém palavras latinas como *dominare* (gal. *domear*), *culmus* (port. *colmo*), *atrium* (gal.-port. *adro*) e quando apresenta certas características sintáticas (futuro desmembrável, conservação do imperfeito do subjuntivo -7-). E' inovador no perder o -l- e o -n- e no evoluir os grupos *pl-*, *cl-fl-* para *ch*.

Tais características eram encontradas exclusivamente no NO da Península Ibérica, tendo sido levadas para o Sul por ocasião da Reconquista; êste fato põe o problema do surgimento do português,

(6) — O. c., p. 68.

(7) — T. H. Maurer Jr. mostrou a inconsistência dêste asserto: cf. *Dois Problemas da Língua Portuguesa: o infinito pessoal e o pronome se*. São Paulo, 1951, pp. 15-32.

pois lingüistas do tomo de Paiva Boléo não aceitam que o português tenha adquirido personalidade no Norte, tendo-se constituído no Centro e no Sul (excluídos daqui o Alentejo e o Algarves), tal como preceituara José Leite de Vasconcelos (p. 133, nota 154).

Já Serafim da Silva Neto na **História da Língua Portuguesa** atribui o nivelamento da pronúncia do *c* ao *s* surdo e do *z* ao *s* sonoro às marchas e contramarchas em direção ao sul, na fase da Reconquista, quando tais sons passaram a ser articulados por pessoas não habituas aos seus matizes. O português atual, em conclusão, é uma soma de dialetos e não representa, pròpriamente, o dialeto de Lisboa, “mas foi lá forjado, graças ao seu prestígio de grande centro urbano, grande centro comercial, político e universitário” (8). A opinião de Kurt Baldinger é semelhante à de Serafim da Silva Neto, de certa forma: “en todo caso, es posible que haya que distinguir diversas capas cronológicas y que, a una primera ola decisiva, procedente del Norte y llevada por la Reconquista, siguieran otras más recientes que partieram de los nuevos núcleos del Sur, como Lisboa y Coimbra” (p. 134).

Acêrca da influência sueva na primitiva Calaecia (recorde-se que o grande número de topônimos germânicos concentrados na área galaico-portuguêsa se deve aos suevos), passa o A. em revista os estudos sôbre o superstrato germânico, retornando ao problema das já referidas inovações encontradas no ocidente da Ibéria. Dever-se-iam à influência dos suevos a perda do *-n-* e do *-l-*, a nasalização e a evolução peculiar dos grupos *fl-*, *pl-* e *cl-*?

Em primeiro lugar é preciso aceitar que, a despeito dos esforços despendidos, ainda não se conseguiram separar os elementos suevos (germânico ocidental) dos elementos góticos (germânico oriental), e difficilmente se atingirá êsse objetivo (p. 141); por outro lado, aquelas peculiaridades fonéticas do galego-português são também encontradas na área vasco-gascã (p. 156 e ss.). Daqui o supor-se com certa segurança que os traços inovadores galaico-portuguêses podem ser explicados pela sobrevivência de influxos pré-romanos (p. 175; para uma discussão do substrato ligure, vejamos as pp. 161-175), particularmente resistentes ao tempo por causa da proverbial tenacidade das tribos do Norte, ciosas de sua individualidade (p. 188).

Encerra o capítulo a referência aos estudos de Gabrielle Fabre sôbre as relações pré-históricas entre a Aquitânia (= Gasconha) e a Peninsula Ibérica (pp. 179-192).

(8) — O. c., p. 395.

Finalmente, no capítulo VIII — Los problemas céltico y vasco-ibérico — examina-se o substrato celta e vasco-ibérico, a respeito do que vem escrito: “Las cuestiones de substrato que hemos tocado en estos dos últimos capítulos se nos muestran extraordinariamente complejas. Muchos problemas quedan aún sin solución, muchos otros se discuten. Nadie puede, por decirlo con palabras de Malkiel, evitar las “ever-present pitfalls in treading this ground”. Y, no obstante, nos unimos a la optimista opinión de Tovar “prehistory gradually becomes history” (*Word*, 10, 1954, pág. 226)” (pp. 203-204).

De qualquer forma, atribuem-se ao celta a evolução *et* > *χt*, (donde port. *-it-* e esp. *-ch-*), *u* > *ü* (não iniciada na Ibéria e de extensão menor que a anterior), a sonorização de *-p-*, *-t-* e *-c-* (que a uns parece fenómeno românico, uma vez que é encontrado também no Norte da África e em Veneza, e a outros apenas evolução precipitada pelo celta) e a tendência portuguesa à nasalização, comparada sempre à do francês.

Não se pode terminar esta resenha sem uma referência à magnífica bibliografia comentada que transformou a obra num manual de consulta indispensável a quantos se dediquem à ibero-romanística; a título de (fraca) colaboração lembrarei, a propósito de Menéndez Pidal (p. 222), que a *Ibérica* (Revista de Filologia. Rio de Janeiro, Livraria São José, n.º 1, abril de 1959) dedicou seu número de estréia àquele grande mestre espanhol, fazendo estampar um levantamento completo da sua bibliografia aparecida entre 1895 e 1958; êsse trabalho, que não traz indicação de autoria, estende-se de pp. 164 a 212.

ATALIBA T. DE CASTILHO